

O “fiel amigo”

Álvaro Garrido*



O bacalhau é o símbolo dos símbolos da identidade portuguesa. A expressão identitária do bacalhau e o seu estatuto cultural assentam na tradição alimentar e na prática social do consumo. Perderam-se no tempo as origens exactas da expressão “fiel amigo”. Mas é certo que ela está muito relacionada com a massificação do consumo de bacalhau salgado seco que ocorreu na viragem do século XVIII para o século XIX. Registou-se então a inclusão do bacalhau num conjunto de reflexões de economia política, sobretudo produzidas pela Academia das Ciências de Lisboa. Esses textos versavam o problema da escassez e da carestia e a insuficiência da pesca nacional, ou seja, a incerteza do abastecimento.

Enquanto metáfora ou parábola popular sobre o problema concreto da escassez, a expressão “fiel amigo” já aparece em alguns “suplícios de Judas”, no começo de Oitocentos, e num outro livro de cozinha pela mesma época e mais adiante. Essas orações populares ditas em público nos rituais de queima de Judas, no sábado de Aleluia, celebravam o fim dos “dias de magro”

associados à Quaresma e faziam do bacalhau o alvo da sátira popular, no momento em que o “fiel amigo” ia a enterrar. Estes e outros traços da cultura portuguesa significam que a construção popular da ideia do “fiel amigo” é contemporânea das preocupações do Estado e das elites económicas com a garantia do abastecimento de um género alimentar que se tornara essencial. Acresce que, até finais do século XIX, a insignificância da pesca por navios portugueses agravava a dependência das importações de bacalhau estrangeiro, particularmente “inglês” ou negociado por mercadores britânicos.

A pesca no Atlântico Norte, lendária e cheia de grandes estórias, conheceu ciclos irregulares. Historicamente, estima-se que o bacalhau pescado por navios portugueses nunca tenha excedido os dez por cento do consumo. Se é certo que a pesca bacalhadeira portuguesa despertou toda uma memória épica e uma lenda internacional associada à faina dos veleiros e dos pescadores de dóri, é na tradição alimentar que reside a memória simbólica do bacalhau. É esta a sua herança cultural mais espessa e resiliente.

O consumo generalizado de bacalhau salgado seco no mercado português, que remonta ao século XVI, tal como noutros países da Europa do Sul, resultou num costume muito enraizado e na elaboração cultural de uma tradição. O mito do bacalhau e a socialização da parábola do “fiel amigo” são construções do século XIX. Durante a República, de 1910 a 1926, e em especial nos anos da Grande Guerra, de 1914 a 1918,

estas tendências mantiveram-se. A centralidade social e política da “questão do bacalhau” – a escassez da produção nacional face às necessidades do consumo e a incapacidade do Estado para intervir neste equilíbrio – é o factor decisivo da sua penetração nas artes e na cultura popular. Tal aconteceu muito antes do Estado Novo ter construído o seu estendal de propaganda sobre anormalização do abastecimento do bacalhau, os lobos do mar e a frota bacalhadeira nacional.

Ainda que as referências ao bacalhau já sejam comuns na literatura portuguesa do século XVI, a sua exaltação assenta na celebração pelas classes populares rurais e urbanas de um alimento que veio enriquecer uma dieta alimentar muito pobre, baseada no consumo de vegetais e de gorduras animais. Durante séculos, o bacalhau não era tido como comida de primeira categoria, embora no século XVIII já tivesse entrado nos hábitos das classes de maior estatuto e tenha aí começado a sua diversificação culinária.

As origens difusas da parábola do “fiel amigo” radicam nesta transversalidade do consumo de bacalhau e, sobretudo, na sua acessibilidade de preço, na facilidade de conservação e na protecção que dá aos estômagos e às almas.

Pelo menos desde inícios do século XIX, o bacalhau tornou-se alimento de todos os dias, em especial devido à interdição do consumo de carne durante os longos dias de jejum e abstinência. As prescrições católicas, a tradição cristã e, em menor parte, a cultura judaica ajudaram

a fixar um largo consumo de bacalhau. A natureza pitoresca do símbolo em si mesmo e as inúmeras relações de significado que historicamente atribuímos ao bacalhau convivem bem com a caricatura e mesmo com a anedota.

Celebrar esta fortíssima tradição num Festival de grande dimensão é honrar a cultura e a identidade portuguesas e fazê-lo da melhor forma possível, em festa e ambiente comensal, conjugando a memória lendária da grande pesca com a indústria, o negócio e o consumo popular. ◀

* - Professor da Universidade de Coimbra
- Consultor do Museu Marítimo de Ílhavo e Confrade de Honra da Confraria Gastronómica do Bacalhau



Enquanto metáfora ou parábola popular sobre o problema concreto da escassez, a expressão “fiel amigo” já aparece em alguns “suplícios de Judas”

O que considerar na escolha da creche ou jardim de infância para o meu filho/filha?

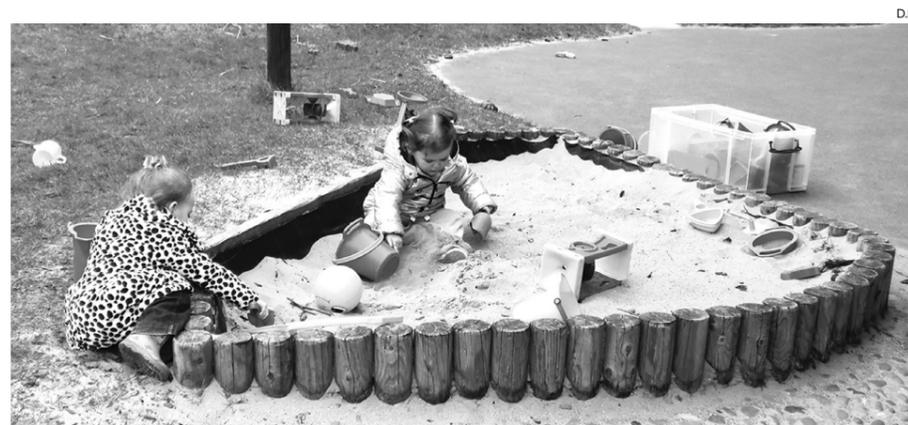
(H) À Educação

Gabriela Portugal*



A creche e jardim de infância são contextos onde as crianças irão passar grande parte do seu dia, ao longo de meses e anos, influenciando significativamente o seu bem-estar e desenvolvimento. Por isso, a escolha de uma creche ou jardim de infância é algo que não deve ser feito de modo aleatório. Ainda que, muitas vezes, não haja alternativas e a escolha, sobretudo em relação a contexto de creche (em que a oferta é menor), seja ditada por uma circunstância muito limitadora que é a de existência de vaga, importa prestar atenção a alguns aspetos do contexto educativo que informarão sobre a qualidade do trabalho pedagógico, seja em creche (0-3 anos) seja em jardim de infância (3-6 anos).

Importa procurar perceber como é que, no contexto de educação de infância, se responde a um conjunto de questões:



1. São claras as finalidades educativas do contexto educativo? O que é que é valorizado? Há uma aposta evidente em assegurar bem-estar, desenvolvimento de um sentimento de segurança, autoestima, estímulo à descoberta e exploração, comunicação e sociabilidade, autonomia? Como é que isto é feito? Que exemplos ou formas de concretização dos princípios e finalidades educativas podem ser dados pelos profissionais?

2. De que forma as características de cada criança são tidas em consideração na organização da oferta educativa? Existe flexibilidade,

sensibilidade e preocupação em respeitar a individualidade de cada criança? Como é que isso é feito? Que exemplos de concretização?

3. Que importância é dada ao brincar? O brincar, no espaço interior ou exterior do contexto, é valorizado, investido e claramente integrado na ação pedagógica?

4. Olhando os materiais e espaços (interior ou ao ar livre) são interessantes e apelativos para as crianças? Está representada a diversidade de culturas? Os materiais, espaços e atividades parecem oferecer desafios e estímulos para diver-

sas aprendizagens, em diversas áreas? Imaginando o seu filho/a naquele espaço, acha que se sentirá seguro, desafiado a explorar, a expressar-se, a imaginar, a criar e a ter iniciativas?

5. Como é feito o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem das crianças? A família é envolvida e participa no processo de avaliação?

6. No contacto com a creche ou jardim de infância, enquanto pai/mãe, sinto-me bem acolhido, tratado com respeito e consideração? Sinto que existe abertura e um clima que propiciará a construção de relações de confiança entre todos?

Se as respostas que encontrar para estas questões o/a satisfizerem, seguramente terá encontrado um bom contexto de educação de infância para o seu filho ou filha. ◀

CIDTFF da Universidade de Aveiro (gabriela.portugal@ua.pt)

*Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores” da Universidade de Aveiro

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico